

190-472-1697

9

Índios barram pesquisa da Petrobrás

Os saterés-maués rejeitaram uma proposta da Petrobrás para permitir a realização de pesquisa de petróleo em suas terras, na região de Mamuru

Carlos Branco

A Petróleo do Brasil S.A. (Petrobras) pretende pesquisar petróleo na reserva dos índios sateré-maué, localizada entre os municípios de Juriti (PA) e Barreirinha (AM), no Médio Amazonas. Na primeira reunião de representantes da Petrobras com líderes dos sateré-maué, ocorrida em junho, não houve acordo para a realização de pesquisas sísmicas, provavelmente numa área próxima ao rio Mamuru.

O responsável pela área de pesquisa sísmica da Petrobras, engenheiro Luiz Carlos Marchi, disse que a empresa só retornará o assunto por iniciativa dos próprios índios. Os sateré-maué, estimados em 6.100 pessoas, habitam uma reserva de 700 mil hectares.

Marchi explicou que as lideranças indígenas se opuseram às pesquisas sísmicas por acharem que haveria muita gente circulando em suas terras. Ao tomarem esta decisão, segundo ele, os índios sateré-maué garantiram a integridade de sua reserva mas perderam uma oportunidade de ganhar um bom dinheiro, caso fosse constatado a existência de petróleo em suas terras.

O engenheiro disse que com a nova legislação criada para o petróleo brasileiro, o governo federal deixou de ser o único beneficiário com a descoberta e exploração do produto. Disse mais: que as pesquisas sísmicas não causariam impacto ambiental algum à reserva dos sateré-maué. "O Ibama sabia disso e nos autorizou a realizar as pesquisas", afirmou.

Segundo Marchi, a Petrobras fez um longo percurso para conversar e tentar convencer os índios da importância da pesquisa sísmica, considerando que na área em que eles habitam tudo indica que exista petróleo. Primeiro procurou a Fundação Nacional do Índio (Funai), em Brasília, que a indicou a Funai de Manaus, que por sua vez a colocou em contato com o posto do órgão em Parintins (a 365 quilômetros de Manaus).

A primeira reunião com as lideranças dos sateré-maué aconteceu dia 16 de junho último e foi acompanhada pelo chefe do posto da Funai de Parintins, Lúcio Ferreira Menezes, 47, que coincidentem-

te é da etnia sateré-maué. Menezes garantiu, no entanto, que nem ele nem a Funai tiveram nenhuma participação na decisão tomada pelos índios. "Foram eles (os sateré-maué) que decidiram não aceitar as pesquisas sísmicas", afirmou Menezes.

Ele acha, porém, que a decisão oposta ao interesse da estatal foi motivada pela experiência ruim que os mesmos tiveram há alguns anos com a multinacional francesa Elf-Equitaine, que por conta e risco da Petrobras, realizou prospecção nas terras dos sateré-maué provocando danos ambientais, discussão e morte entre os índios.

A multinacional francesa pagou indenização aos sateré-maué por danos ao meio ambiente e ao seu patrimônio cultural e material. O tuxaua Raimundo Ferreira, o Dico, foi quem liderou uma campanha nacional pela indenização, que só veio após a pressão de instituições nacionais e internacionais.

Cautela - Menezes garantiu que não sabe nada sobre o fato de a decisão dos índios ter sido uma estratégia para valorizar ainda mais as suas terras, que, ao que tudo indica, têm petróleo no subsolo. Para Marchi, essa possibilidade existe. Mas a Petrobras teria que, antes, se certificar da existência de fato do produto.

Segundo o engenheiro, como os índios disseram não à pesquisa sísmica e pelo fato de, pelo menos por enquanto, a Petrobras não termos mais interesse em fazê-la, a estratégia, se havia, não funcionou.

Mas se vier a funcionar, os sateré-maué terão se mostrado habilitados em negociar. Mais: possibilitaria aos seis mil índios dessa etnia a chance de substituir a precariedade de uma existência baseada no comércio da farinha pelos dividendos gerados pela exploração do petróleo. Embora a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab/AM) não acredite nisso.

Para a assessoria de comunicação da Coiab, os índios ainda vêm com muita cautela a questão da exploração mineral em suas terras, menos por falta de interesse dos próprios índios e mais pela falta de uma fiscalização eficiente, que de fato acompanhe o desenvolvimento dos serviços.

Impacto ecológico provoca desconfiança

A resposta negativa dos índios sateré-maué ao pedido da Petrobras não tem nada de estratégico. É reflexo da experiência desastrosa que eles tiveram no passado recente com a multinacional francesa Elf-Equitaine, que esteve em sua reserva fazendo prospecção de petróleo. A empresa teria se utilizado de pessoas despreparadas que não só seveiciaram algumas índias, como lhes transmitiram doenças venéreas e introduziram maus costumes nos membros da etnia levando, entre outras coisas, fitas pornográficas para a reserva.

A avaliação é do advogado Edson de Oliveira, 50, que juntamente com o colega Dalmo de Almeida Dalari, em 1987, foi constituído pelos sateré-maué para impedir que a multinacional francesa continuasse realizando trabalho de prospecção em suas terras, depois que ficou

constatado o "estrago" que a empresa vinha provocando ao meio ambiente e nos costumes dos índios.

Os advogados ganharam a questão, movendo uma ação denominada de Impedito Proibitório, impedindo que a Elf-Equitaine continuasse na reserva dos sateré-maué. Oliveira, no entanto, garantiu que grande o mérito receberam à época (o valor não foi revelado) se deveu à atitude do cacique Juruna na audiência final.

Convidado a falar, Juruna, que à época era deputado federal, virou-se para o presidente da Petrobras e o chamou de mentiroso. Depois, fez o mesmo com o presidente da Funai. Para os diretores da Elf-Equitaine, Juruna falou que iria à França dizer ao presidente o que a empresa tinha feito no Brasil e que não queria pagar os índios. "A inde-

nização que deveria ser uma, depois da fala do Juruna foi dez vezes maior", disse Oliveira.

Ele explicou que a prospecção desastrosa que a Elf-Equitaine fez na reserva dos sateré-maué foi resultado de uma política de abertura promovida pelo ex-presidente Ernesto Geisel. Mas que os problemas decorreram da forma como o assunto foi negociado entre a Funai, Petrobras e Elf-Equitaine, que em nenhum momento se preocuparam em ouvir os índios.

Oliveira disse que quando os problemas começaram a surgir, a Funai, que era tutora dos índios, estava moralmente sem condições de defendê-los. Isto teria obrigado os sateré-maué a fazerem uma denúncia internacional contra a Elf-Equitaine e constituir, com seus próprios recursos, dois advogados. (CB)

Engenheiro sugere cautela

O Brasil deveria esperar um pouco mais para flexibilizar a exploração e produção de petróleo, que até então era um privilégio da Petrobras. Os preços do produto no mercado exterior (em média US\$ 13 por barril) ainda compensam a sua importação.

Esta é a opinião do engenheiro responsável pelas pesquisas sísmicas da Petrobras, Luiz Carlos Marchi, que não vê como positiva - pelo menos por enquanto - o avanço do capital estrangeiro em todas as etapas de produção de petróleo e derivados.

Segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP), criada para fiscalizar o processo de desregulamentação do petróleo, as 52 maiores multinacionais do ramo estão inclinadas a investir, em parceria com a Petrobras, cerca de US\$ 23 bilhões nos próximos cinco anos.

Da anglo-holandesa Royal Dutch Shell, por exemplo, virão os maiores investimentos: aproximadamente US\$ 5 bilhões. A Ipiranga, que só perde para a Petrobras em número de postos autorizados, deverá injetar outros R\$ 2 bilhões. Sem contar nas demais bandeiras que já operam no mercado brasileiro e outras que querem garantir um pedaço do mercado brasileiro que se abrirá com a flexibilização do monopólio da Petrobras.

Marchi admite que os investimentos propostos pelas multinacionais são consideráveis, mas está convencido que os mesmos seriam melhor absorvidos em outro cenário. No atual contexto, em que há abundância na oferta internacional de petróleo, pode ser que não produzirão o efeito esperado pelo governo federal", explicou. (CB)

Pesquisa sísmica

É uma espécie de radiografia do solo e custa mensalmente em média R\$ 1,1 milhão. Esta para a prospecção de petróleo como a ultra-sonografia para a observação do sexo do nascituro. Através da pesquisa sísmica é possível enxergar a silhueta do solo e determinar se o petróleo está preso no fundo para, em seguida, fincar a broca e trazê-lo à tona.

As equipes de pesquisas sísmicas envolvem muita gente. Entre engenheiros, técnicos, pilotos e operários são aproximadamente 400 pessoas, que saem fazendo picadas e abrindo clareiras, para que nestas sejam construídos acampamentos e os helicópteros possam descer com o mantimento e os equipamentos necessários ao trabalho.

Crédito de APF AC

Confira alguns dados sobre o setor de petróleo

- * Estima-se que 14,1 bilhões de barris de óleo equivalente estejam sob domínio da Petrobras
- * A estatal produz mensalmente em média 1 milhão de barris
- * Com a criação da Lei 9.478 de seis de agosto de 1997, que estabelece a flexibilização da produção e refino do petróleo e gás natural, a Unilão espera uma aporte de US\$ 23 bilhões até o ano 2002 das gigantes estrangeiras do setor
- * Na região Norte, a exploração de petróleo e gás natural está a cargo da Refinaria de Manaus Isaac Sabbá (Reman), que anunciou para este ano R\$ 480 milhões em investimentos na base de Urucu, no município de Coari
- * Estudos mostraram que a reserva de gás natural de Urucu é de aproximadamente 84,2 bilhões de metros cúbicos
- * A demanda mensal de combustível na região oscila entre 160 milhões a 166 milhões de litros, dos quais 134 milhões só em óleo diesel.

Fonte: Petrobrás/Belém e Reman